

Editorial

Cinquenta anos decorridos sobre a realização do Concílio Vaticano II, um pouco por toda a parte vêm-se multiplicando ensaios de balanço dos seus efeitos na vida da Igreja em sua missão no mundo. Cinquenta anos, em tempos passados, foi tempo exíguo. Hoje, quando parece que os relógios aceleraram, cinquenta anos representam muito. Se, como pensava Aristóteles, o tempo é a medição do movimento (ou da mudança), por detrás desta sensação de um tempo acelerado está a mutação rápida de muitas coisas, se nem sempre no interior da Igreja, sem dúvida no plano mais vasto do mundo (ou da cultura que nos envolve e condiciona), em particular no espaço do mundo europeu e ocidental.

O Concílio teve como motivação essencial a consciência das profundas mudanças operadas pela modernidade, mudanças a que a Igreja não fora suficientemente sensível e às quais nem sempre soube adaptar o que nela carecia e era passível de adaptação. Foi a necessidade do famoso «aggiornamento».

Para bem compreenderem a novidade e o alcance das contribuições conciliares para esse «pôr a Igreja em dia» relativamente ao tempo cultural dos anos 60 do século XX, as gerações mais novas, nascidas e crescidas já no interior deste huxleyano «admirável mundo novo» («admirável» com uma boa dose de ironia), carecem de ter uma ideia de como caminhava o mundo e de como estavam as coisas na Igreja por essa altura; e, nessa medida, qual o sentido profundo daquelas contribuições. Por outro lado, gerações mais novas e geração mais velha (a que era jovem quando o Concílio ocorreu) não podem deixar de proceder à análise dos reais efeitos produzidos pelo mesmo Concílio, quando já vão decorridos cinquenta anos. Do que, do seu projecto renovador e reformador, já foi efectivamente alcançado e do que (ainda) não o foi. Uns e outros não podem também dispensar-se de fazerem o levantamento de dados, problemas e desafios teológicos e pastorais novos – os novos «sinais dos tempos» – que porventura, até pela sua não previsibilidade, não puderam ser atendidos por ele e reclamam uma resposta por parte da Igreja. Nesta ordem de coisas, o impacto que vem tendo o modo de ser e de agir do actual Papa Francisco parece ganhar um relevante valor simbólico. Não tem sido ele comparado ao velhinho João XXIII que, de idade avançada mas dócil ao Espírito, captou admiravelmente a inspiração deste para a convocação da grande assembleia conciliar? Aqueles que tiverem a dita de viverem ainda um bom par de anos poderão

talvez testemunhar grandes obras maravilhosas de Deus, na Igreja e para o bem do mundo, no tempo próximo que está para vir.

A revista THEOLOGICA fez questão de se associar à multidão e variedade de reflexões que vêm sendo feitas na oportunidade do cinquentenário do Vaticano II. Fê-lo nesta perspectiva da mudança – ou do tempo sempre novo – procurando, nesta distância de cinquenta anos, recordar como estavam as coisas antes do Concílio, o que fez este para mudar o que carecia de mudança e, ainda, o que seria preciso hoje para uma Igreja verdadeira e evangelicamente «aggiornata».

Como é fácil de ver, trata-se de uma temática e de uma problemática vastas demais para poderem ser aqui tratadas em medida minimamente adequada. Não seria possível analisar aqueles três momentos fundamentais já referidos: o antes, o depois e o tempo cinquenta anos depois. O Concílio produziu constituições, decretos e declarações. Em face desta necessidade de seleccionar, optou-se por trazer à colação as quatro grandes constituições: Sacrosanctum Concilium, Dei Verbum, Lumen gentium e Gaudium et spes. Infelizmente, por razões emergentes de saúde do autor que sobre ela começara a escrever, a segunda constituição aqui referida não pôde ser atendida conforme o esquema de fundo proposto. Ficam as restantes, e só por elas vale bem a pena inserir neste fascículo da revista as correspondentes análises e reflexões.

JORGE COUTINHO